

QUINTA-FEIRA
Lisboa--26 de Setembro--1929

.c.
5 **TOES**
L. 100000

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

175



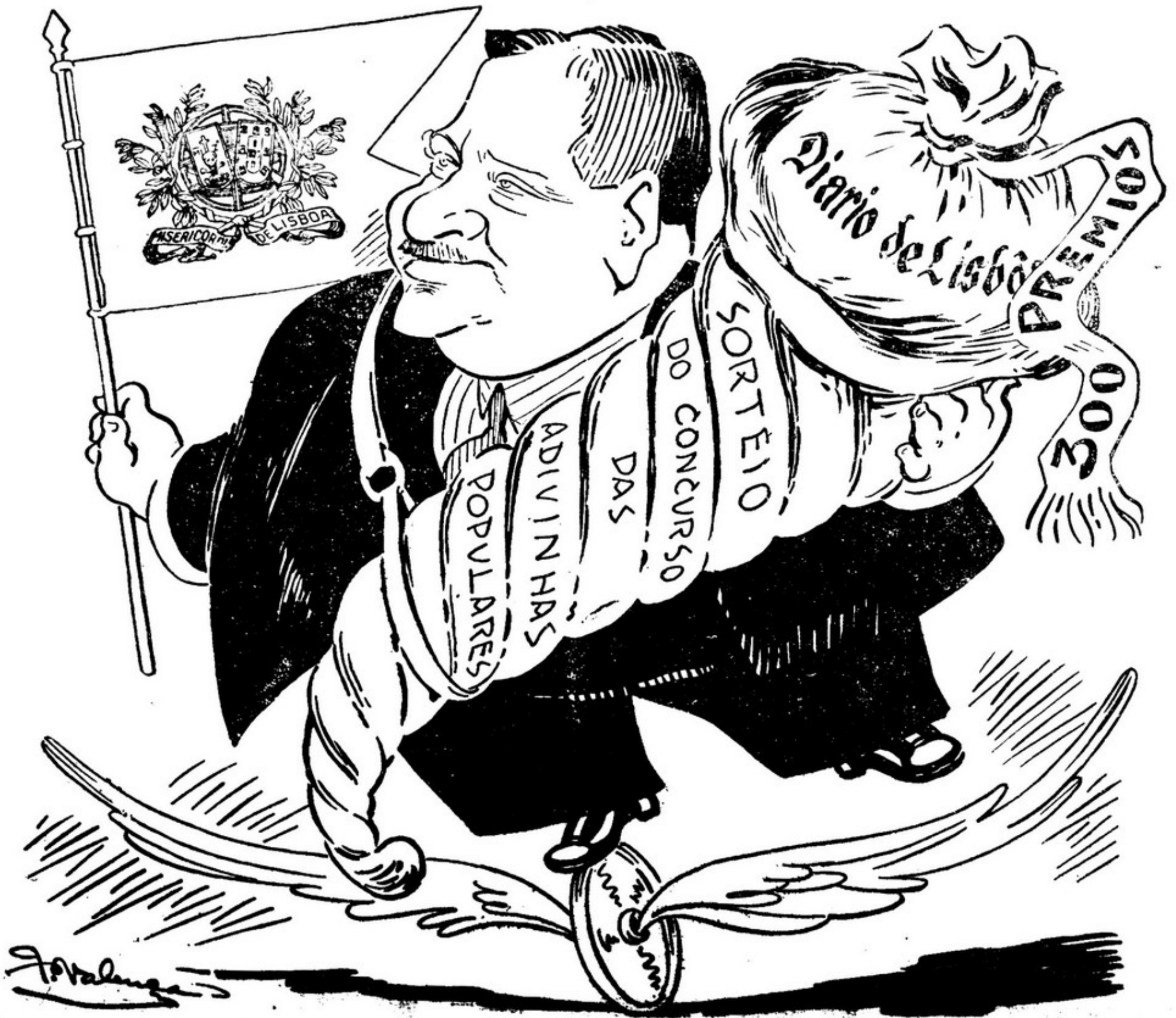
fixe semanario humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A' RODA DA "RODA" DO SORTEIO



O concurso das adivinhas teve, no sorteio dos premios, um ponto final tão perfeito e redondinho como o Dr. Silva Ramos, Ilustre Provedor da Misericórdia. Se os encantos pessoais de S. Ex. nos prendem como «silva», as obras—de Misericórdia são os «ramos» de flores raras que o seu coração espalha largamente.



Os ditos da semana



Novo inferno A Cidade do Vaticano vê-se em serias dificuldades para reprimir a lutia dos contrabandistas.

Por gentileza do governo italiano as mercadorias ali entradas não pagam direitos e os contrabandistas aproveitam-se dessa facilidade para depois abarrotarem o resto da Italia com mercadorias que passaram as fronteiras por obra e graça do papa.

A pouca vergonha assumiu taes proporções que o Vaticano se viu na necessidade de mandar construir cadeias e de ameaçar com elas os contrabandistas, a sombra duma lei chamada -Trez e quinze- que quer dizer 3 anos de cadeia e 15.000 liras de multa. Mas, apesar de tudo, os contrabandistas continuam, obrigando o governo do Vaticano a tomar providencias, não contra a entrada de mercadorias, mas contra a sua saída, para não prejudicar a Italia.

E então vamos ter uma cidade do Vaticano muito parecida com o interno: não custa nada a entrar, o peor é sair.

Uma revolução Abaixo as saias! Vivam os cabelos!

É este o grito dos costureiros parisienses.

Acabaram-se, para eleitos de *soirée*, as pernas a vela.

Quem se preza de ser chic vela as pernas, deixa crescer os cabelos e põe a cintura no seu lugar. Não explicam os costureiros, mas os cabelos a que se referem devem ser os das pernas, porque com saias compridas não ha necessidade de pôr as pernas a escovinha.

O que nos parece singular é que a moda exija que seta-

pe de noite o que se mostra de dia, visto que os vestidos de passeio continuam a ser um pouco por baixo do umbigo como manda a decencia. Em compensação, para os trajos de noite, mantem se os decotes um pouco por cima da barriga, como exigem os bons costumes.

É assim, esta revolução da moda que a primeira vista parece motivo de ruina para os chefes de familia - porque ainda se não inventou processo de fazer um vestido comprido dum vestido curto -vae transformar-se numa economia.

Não ha mais transma-

ção de vestidos. Passa a haver apenas colocação de vestidos.

De dia vestidos curtos, sem decote (o dia é consagrado as pernas) e com a cintura tóra do seu lugar, puchados a cima.

De noite, os mesmíssimos vestidos, puchados a baixo, com a cintura no seu lugar para dar lugar ao decote e para tapar as pernas. A noite é consagrada aos seios.

Acabam se certos modos de dizer ha longos anos uzados. Taes como:

--Mãã, vou me vestir.

Mimi vae pôr o vestido de baile.

--Lulu, vae envergar o teu fato de passeio.

Daqui para o futuro dir-se-ha para ir a um baile:

--Zizi, vae deitar as saias a baixo.

Para ir a compras:

--Lulu, levanta as saias para cima.

É o mesmo vestido serve para tudo. Puchado para cima, trajo de passeio; puchado para baixo, grande *toilette*.

Que economia e que comodade.

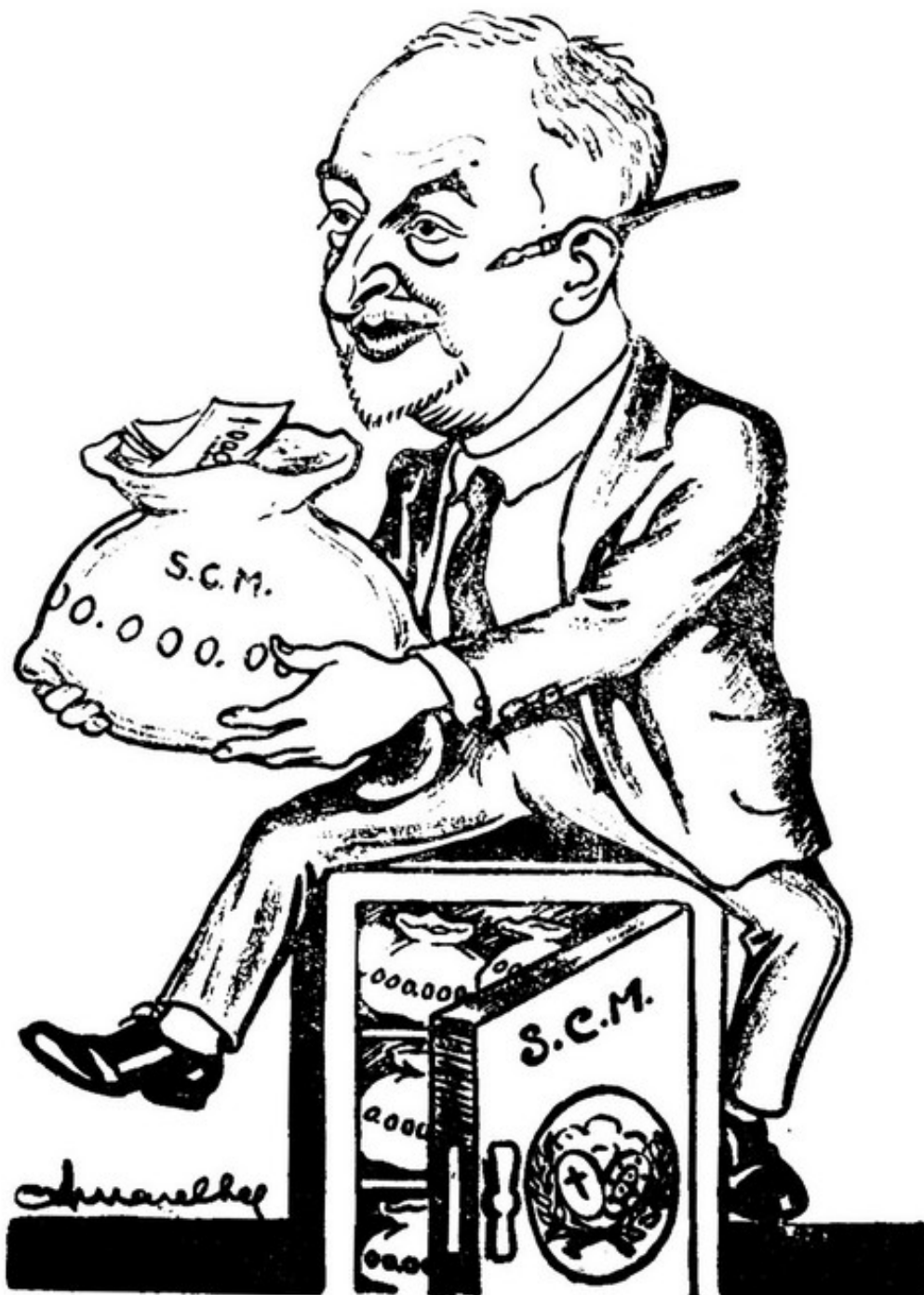
Assim, prepara-se uma senhora para ir a uma *soirée*, com a facilidade como se aperta uma liga no vão de uma escada.

É tudo uma questão de colocação e de pente de vista.

De noite o observador vê de cima para baixo; de dia, de baixo para cima.

A questão é saber a gente escolher on te se ha-de pôr.

João Capello Jales



Tesoureiro da Misericórdia de Lisboa que auxiliou com a maior sollicitude a organização do sortelo dos premios do concurso de advinhas do «Diário de Lisboa»

Sem direito Diz-se que ha pessoas que uzam o distintivo de combatente sem a ele ter direito. Diz-se e é verdade. Mas é preciso não esquecer que houve quem se batesse até com os mortos.

As advinhas U! Ainda bem que já andou a roda e não nos saiu nada. Que alivio.

Com as 100 libras nunca contamos porque tambem nunca apanhamos a sorte grande, mas podia muito bem ter-nos saído o automovel Essex e esse é que se escusava de ter saído a outro. Mas tinhamos o pavor de apanhar um *soutien gorge*, ou o burro branco do sr. Neto Rebelo, por não termos applicação a dar-lhes.

Para o *soutien* temos de menos e burros ha demais.



--Vem querida. Sobre até aqui e verás a linda vista que se disfruta.



O professor de historia: -- Está lá? Faz favor dá-me 320 -- antes de Cristal!

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

NOBRE MARTINS

ENTRE os antigos figurados de uma claridade em verso, publica o nobríssimo — pois conta a linda idade de 80 anos — «Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras» a seguinte prosa, acompanhada do retrato da grande actriz — grande, a valer — Adelina Abranches:

«Adelina Abranches tem a alma formosíssima da Arte. Ha quem diga muito mal da genial actriz, mas quem o diz, di-lo só de si. Dela não. Di-lo por lhe faltar a sensibilidade para sentir a grande artista. E' surdo que maldiz dos sons que não aprecia, porque os não ouve. O sentimento, como a musica, prescinde de raciocínios. **A Arte é Sentimento.**

Em teatro não podemos dizer, nem fazer nada, que não seja pensado com o cinzento do nosso cerebro, sentido com o calor da nossa alma, vivido com o borbulhar do nosso sangue.

Eis porque é a primeira a Adelina Abranches. Alma, sangue, vida.

E' po-potino sol que ilumina, com a sua luz unificadora, diversos corações a sentirem-se num só coração.

Sem Adelina Abranches, o palco português não tinha primeira actriz.

Não sendo uma Eleonora Duse — o assombro das interpretações scenicas, que dobrava o genio das peças que interpretava — é, todavia, a *Dusesinha do nosso Portugal.*

Esta prosa é assinada, com todas as letras, por *Manoel*. Vem publicada a pagina 322 do citado almanaque. Ao fundo da mesma pagina, assinando a «charada», aparece o pseudónimo *Tansos*.

Deve ser engano. A assinatura *Tansos* pertence, temos disso quasi a certeza, a prosa referente a Adelina. So assim se compreende que o autor tenha pensado com o cinzento do cerebro e tenha chamado *Dusesinha* á nossa Adelina.

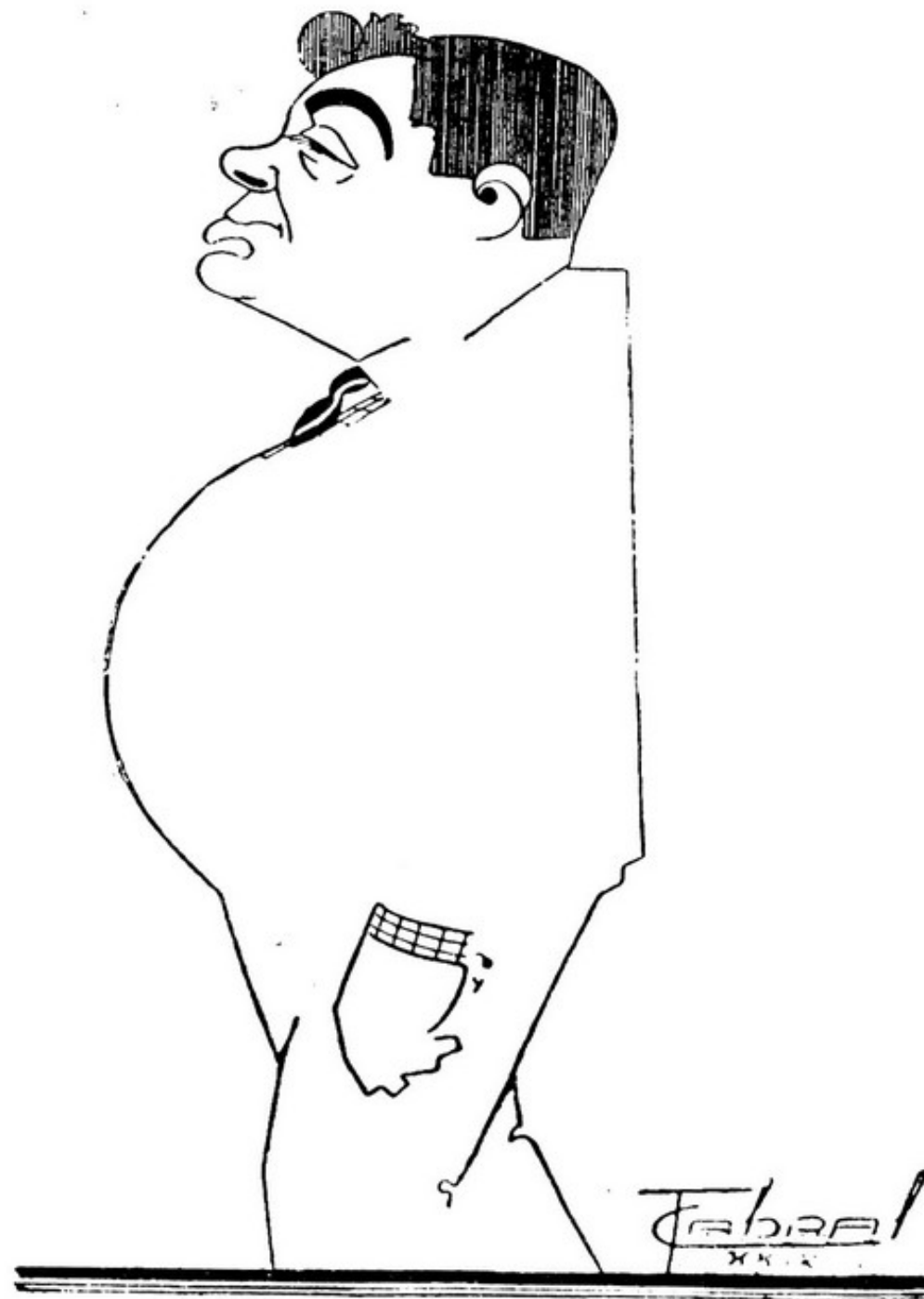
Ha cada um...

O *bas-fond* do nosso teatro é, actualmente, muito curioso.

Contámos, no nosso ultimo numero, a historia da *Prise* e dos seus numerosos pseudo-possuidores. Hoje vamos narrar, por alto, a historia da sua tradução.

Quem traduz a *Prise*?

Diz-nos alguém, do lado, que sabe da poda:



Se ha Nobres em Portugal este é, com certeza, um deles. Martins póde haver muitos. Mas Nobre como este — não ha mais nenhum... a não ser na Madragôa. Nobre tão Nobre que até se lhe póde chamar bi-Nobre de apelido e sentimentos

— São quasi tantos os tradutores como os empregarios que disseram que a tinham comprado.

— Não pode ser...

— Pode tal. Ora oiça: o E. B., que dizia a toda a gente que a ia — ele proprio — traduzir, consta que a tinha dado a um critico-substituto. Por outro lado, um antigo actor-tradutor-actor tambem a tem já traduzida, encomendada não se sabe por quem. Outro homem de teatro e velho jornalista tambem contava com ela, para o que já tinha feito *démarches* junto da diplomacia...

— Isso é interessante.

— E você não sabe tudo... Mas é melhor ficar por aqui. Resumindo, e sem ofensa para os tradutores citados, pode lá dizer no *Sempre Fize* que a historia da tradução da *Prise* é a historia dos três cães a um osso... que talvez não tenha que roer o que eles pensam...

DIZIA, ha dias, o réclame do T. A.:

«O Sol de Portugal esgotou ontem...»

Realmente tem sido verdade. Todo o santo dia da vespera choveu e tro-

veceu. O sol de Portugal tem se esgotado, com efeito.

VAMOS com arrebat, que nossa companhia em organisação já se juntaram três artistas de categoria: P. B., M. M. e A. de O.

Confianças, assim, que o teatro, realmente, ressuscite. São necessários bens conjuntos e esta companhia leva grandes gostos de fazer alguma coisa...

Esperemos... O tempo é que nos ha de dar razão...

OS anuncios da E. E. dizem que as marcações da revista *Off-side* são de Joaquim Roda.

Ficamos sabendo que são as conhecidas marcações de Roda...

O T. V. anuncia quadros e numeros novos. Um dos que consta ser mais sensacional é o seguinte, que vem explicado nesta noticia:

«Na revista *Chá de Parreira*, em scena no Teatro Variedades, Nascimento Fernandes e Georgina Cordeiro vão oferecer ao publico, no numero «Amôr á Pancada», além do tango até agora cantado e dançado, um outro muito curioso, muito moderno e muito comico.»

Curioso, moderno e comico, só mais pancada... O sistema, aliás, vem sendo applicado desde a primeira noite da revista. A G. C., se já tem nodos negros por todo o corpo... o que fara depois do que está annunciando...

O G. F. é o actor saltitante por excelencia. Não depressa esta aqui como está ali. Fugiu do Parque para a rua da Palma... Mas estejam enganados que em Outubro vai para as Portas de Santo António...

A CELEBRE peça americana, que pertenceu — dizem eles propios — a cinco ou seis empregarios, intitula-se «The Spider». Em francês representava-se com o titulo de «Prise» e em espanhol «La araña de oro».

Como se chamará em português? «A aranha»? E' possível. Bastante emaranhada tem andado...

O Homem das 5 horas

BOM HUMOR O CONCURSO DE ADIVINHAS

Vingada!...

— Não sabes que fumar muito abrevia a vida
 — Meu tio fumou toda a sua vida e tem hoje 80 anos!
 — Pois se não tivesse fumado teria cem...

— Este cão é um dos melhores da policia!
 — Mas não me parece de raça...
 — Naturalmente! Para não se saber... que é da policia secreta.

Na vacaria:
 O rapaz: — Encontrei um rato na bilha do leite!
 O pato: — Tiraste-o?
 O rapaz: — Não; meti dentro um gato!

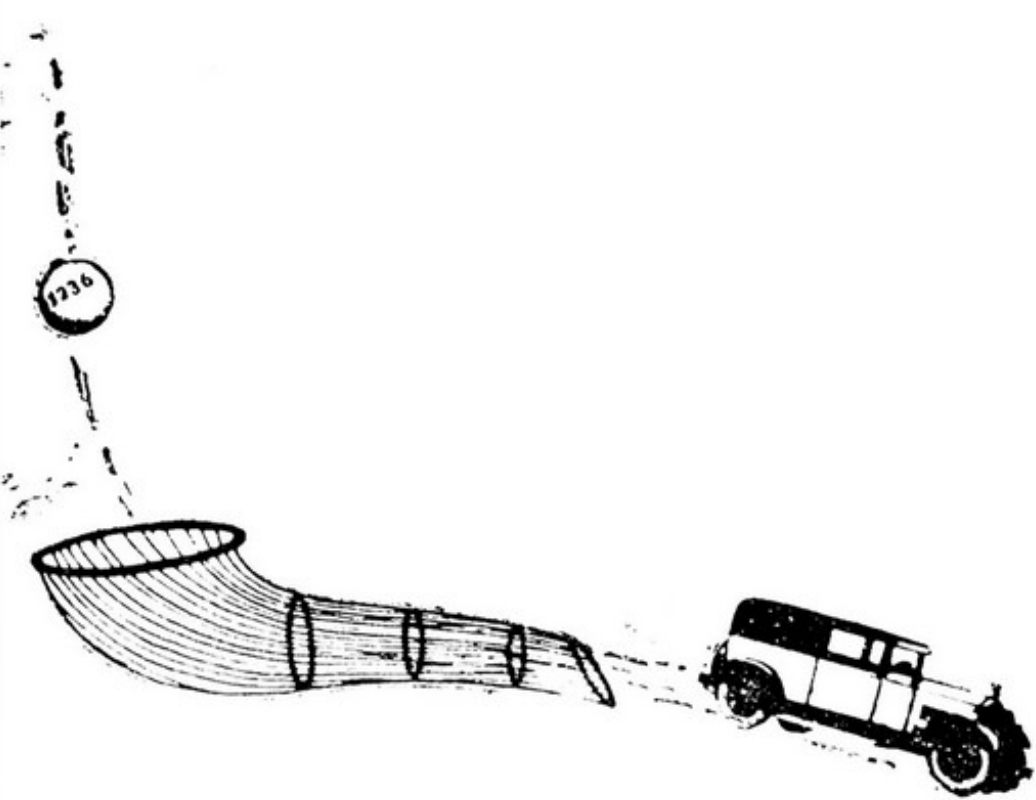
— Tens estado doente?
 — Sim, com gripe!
 — Como a apañaste?
 — Numa biblioteca, estando a ler um livro que se intitulava: Como evitar a gripe!...

— Já sei porque se divorciam as pessoas?
 — Porquê?
 — Porque se empurram em casar!...

— É horrível! Por uma coisa que disse a minha mulher, ela deixou-me de lado!
 — Foi o quê?
 — Foi o marido! O que lhe disseis?

DO

Diario de Lisboa



...bola por um lado, automovel por outro

D. Eulalia Fredegunda, vivia feliz pois que amava muito seu esposo e este também porque tinha a mulher ideal dos seus sonhos.

Os primeiros tempos de casados decorreram sem incidentes de maior.

Ela entregara seu coração ao seu terno esposo a quem consagrara todo o seu amor; ele dedicava todo o tempo que lhe ficava disponível a amá-la e a adorá-la.

Naquele lar sempre existira amor e harmonia; no entanto D. Eulalia suspeitava já algum tempo da fidelidade de seu esposo. Ele que tinha sido tão amoroso, tão terno até ali, deixara de o ser, o que a deixava um tanto desconfiada.

Não, não podia suportar a infidelidade de seu marido. Era evidente que a enganava, que a atraía. Quem seria pois a velha?

Para se certificar se eram certas as suas desconfianças tratou logo de consultar uma cartomante muito conhecida pelas esposas ultrajadas.

A bruxa depois de a ouvir entregou a D. Eulalia uns pos e a oração do teor seguinte: «Este pó eu venho deitar para tu dinheiro me dares ou para que tu todas as mulheres aborrecas e so por mim endoaleças». Humilha-te a mim, como Cristo se humilhou a Cruz e a Virgem Santa a Jesus». Depois deitando as cartas e olhando a sorte diz muito pausadamente:

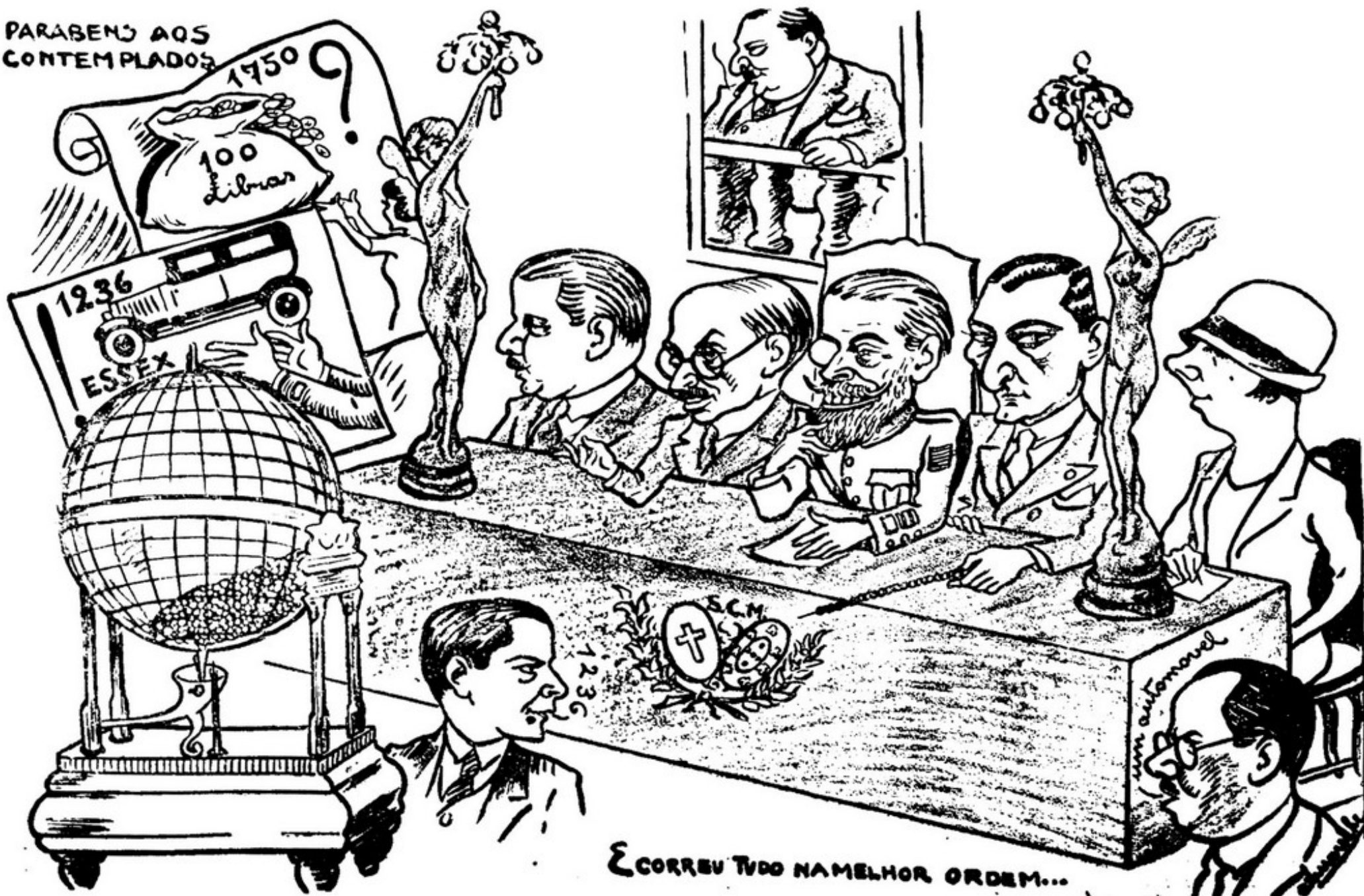
«Ha aqui uma mulher que por amor do seu marido por onde quer que vá...»

D. Eulalia Fredegunda ao ouvir estas palavras exclama em tom de vingança:

«Esta arranjada! Meu marido é cartomante!»

P. R.

PARABENS AOS CONTEMPLADOS



É CORREU TUDO NA MELHOR ORDEM...

A mesa da Presidencia: Jaime de Sousa, que para todos nós usa de grande «Misericórdia»; e representante do administrador de 2.º balneario, Amadeu Cunha, com seus olhos de alcança tudo; e comandante Ferreira de Amaral, que vai regular o transito de automovel; o no. so director deitando o olho ao nú artistico; e a sr.ª D. Laura Paiva que não teve nem dá sorte; e tenor progeitor das caderretas, José Pocha «Fixe» e o baritone Granecho, que apregou o «gran echo» do automovel. Em cima, o Senhor da Misericórdia dr. Silva Ramos, da Ordem da Rainha D. Leonor

Elevador da Gloria

— Esta aventura — começou o meu amigo John Smith — é muito antiga e passou-se no Far-West.

O herói da historia chama-se Climb. Era o *sheriff* lá na terra e morreu ao serviço do Governo. Eu conto a historia:

Uma manhã, um sujeito que dava uma higienica passeata, esbarrou com qualquer coisa num dos passeios da Clowston Street. Deu-se a verificar o empicillo e viu que aquilo com que esbarrara era nem mais nem menos que um cadaver.

Correu apressadamente e foi chamar o *sheriff*.

O *sheriff*, um alcoolico inveterado, tornara-se um preguiçoso. Todavia, com um certo entusiasmo profissional, um pouco atordoado com a bebida da vespera, encaminhou-se para o local do crime.

A vítima, despojada de qualquer coisa de valor, tinha recebido a bagatela de doze balas no abdome.

Climb, o *sheriff*, extraiu uma das balas com uma pinça e verificou com espanto que elas provinham de uma *broccary* idêntica aquela que sempre trazia consigo. Verificou também, espantado, que não trazia a pistola. Depois, prosseguindo nas investigações, encontrou junto do cadaver o ca-fundo que usava naquelle tempo e um lenço que não usava lá nem.

Estes achados deixaram-no perplexo. E pensou: «Se calhar, alguém esbarrou com o meu este cadaver».

— Continuando a olhar! Você é um investigador! Você é um assassino. Vai-se autorizar!

Levantando nua corda, seguiu para um ramo de arvore e convenceu o bicho de que matara, o *sheriff* meteu a cabeça no no que fizera na corda e zst! matou-se.

Quando vi o *sheriff* morto, senti um mim um alivio que vo és não calculam.

Sua! E que na vespera, aproveitando uma rebeldia do *sheriff*, eu tomara na pistola, e a talmo a bala!

Sortes grandest
só o PINA as vende
75 - Rua do S. Paulo - 77

Domingos Dias



O «Deputado do Povo», Domingos Dias, enfiando a bola da sorte...

Como se cura a loucura

Dizem os especialistas e esta por todos nós bem comprovado que é no verão, sob a acção dos calores violentos, que aparecem mais casos de loucura.

Realmente quem de manhã se der ao prazer de tomar o comboio para Cascais, e, á hora do banho, percorrer toda essa enfiada de praias, que se combinou chamar Cos.á do S.J. fica absolutamente convencido de que a maior parte daquela gente louqueceu de todo.

Antigamente, quando algum pobre doido saia de casa em trajes menores, vinha logo um policia façanhudo e prendia-o. O menos que lhe succedia era passar uma noite no calabouço, até que de manhã a familia lhe fosse levar roupa de mais peso para poder vir para a rua.

Hoje, como é mais facil de ver por essas praias toda a gente anda á pai Adão, afora a folha-de-parra dos fatos modernos, os quais, de resto, servem para passar e, até, para dançar o tango.

Ora isto embora muita gente queira sustentar que é uma indecencia (*impudica* no dizer cayo da minha vizinha ab-estraday) é unica e muito simplesmente — loucura.

Esta tudo doido!

Por isso é que eu no louvável intento de por cobro a este desmando geral e nefario (embora, por vezes, delicioso) decimo a recomendar em velhos affartados os mais seguros remedios para a sanção dos meus contemporaneos, machos e fêmeas.

Hipocrates é o nosso Zacuto Lu-

sitano asseguram que a loucura se domina com as hemerroidas.

Um outro medico assevera que a loucura nas mulheres é as mais das vezes originada pelas suas *desordens sexuais*. Isso, lá, não sei porque nessas desordens nunca eu me meti, graças a Deus...

E, a proposito, aconselha para homens e mulheres alienados — o cimento.

Mas, sabiamente acrescenta: «Este processo não dá tão bons resultados como geralmente se pensa; muitas vezes aumenta o mal.»

Hipocrates quer á força convencer-nos de que se cura a clemencia com a *sarna*. E remedio que, tambem, não aconselho a ninguém.

Antes, os que preconiza o dr. R. D. tais como: a castração, o envenenamento, e as quedas de cabeça para baixo.

De todos estes remedios (que qualquer medico poderá confirmar-lhes terem sido aconselhados pelos autores que citei), ha um que, na minha opinião, dá o resultado exactamente contrario.

É o que preconiza um medico, que deve ser muito distre, de nome Gardane.

Diz ele que a loucura igualmente se cura com — a *corte dos cabellos*.

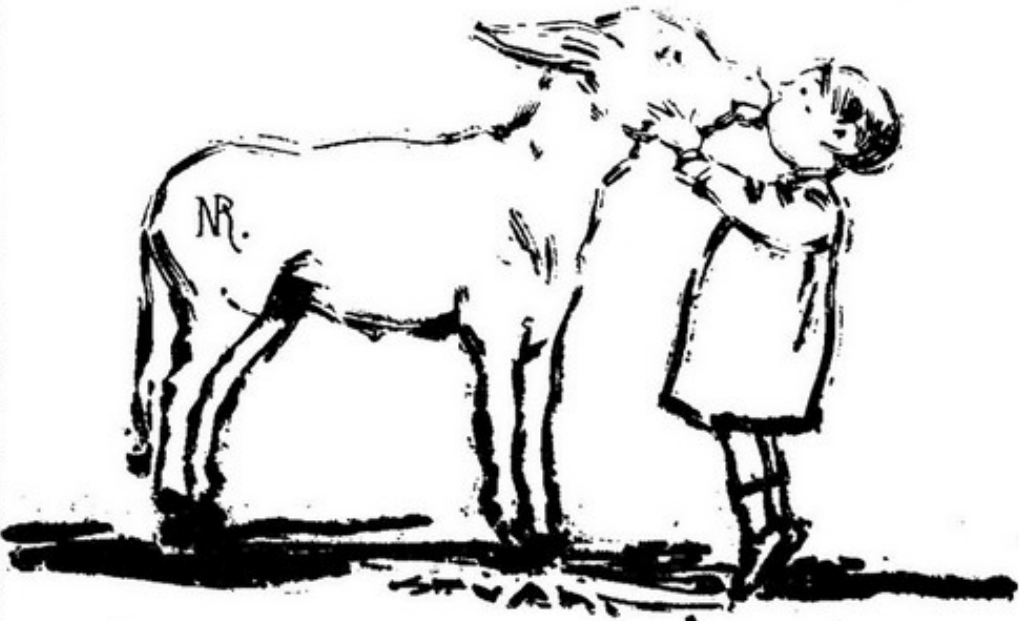
La é vontade de contrariar a evi-dencia dos fatos! Nunca as mulheres se mostraram tao doidas, como depois que desataram a cortar os cabelos.

CONCURSO DE ADIVINHAS



Um aspecto da assistencia

Os concorrentes infantis á espera do premio do «Cine S. Luis»



O pequeno Luis Mira e o seu burrinho branco

Prosa de Cha-Velho

Mão amiga ofereceu-nos um numero da revista francesa «Sciences et Voyages», que se ocupa das corridas de touros.

É realmente um grande numero!

Começa por uma fotografia dum toureiro passeando na praça, com o «capote» no braço e diz a legenda que se trata do momento em que o «espada» pede licença ao presidente para matar o touro...

As restantes fotografias devem ser tiradas nalguma praça francesa, tão ridiculo é tudo aquilo, a começar pelos «taureauux», autenticos bezerras. E numa conhecida foto de Belmonte «rejonando», diz a legenda que trata duma corrida «à la mode portugaise», beaucoup moins barbare, le picador est remplacé par le *caballero en plaza*, que se contente de plantar uma banderille dans le garret de son adversaire.

No texto, diz que a selecção da raça brava se faz cruzando com uma variedade portuguesa igualmente para! Que patos estes franceses aficionados!

E explica que aos cinco anos — que te cres tu eso! — vão os touros para um curral onde passam os dias que precedem á corrida, e é aqui que os aficionados travam conhecimento com eles e tentam advinhar qual sera a attitude que tomarão no momento decisivo! Aqui é que os franceses se inspiram, possivelmente, referir á Portugal!

Depois detalha os quatro elementos da «corrida»: matador, chulos, banderilheiros e picadores. E continua «a quadrilha desfila. Depois, destaca-se um homem, o matador, que dirige algumas palavras ao presidente. Este lança-lhe uma enorme chave, etc., etc. Mas que grande confusão!

Mais explica o articulista gallez que o touro que sai do toural são, é, por vezes um *partido* indolente, podendo tambem surgir um *levitado*, mas a aparição mais magnifica é a dum *aplomado*!... E continua a trapalhada!

Durante a sorte de bandarilhar diz o nosso homem «partido», um cris s'élève de la foule des spectateurs.

— La Siffat! réclamation! C'est à dire, la chaise!

E, quando o touro é *partido*, o publico reclama:

— «Al fuego, la idea!»

Estando o grande mestre da ban-tanquia — Mendes e Barañizem — diz que a carne do touro não serve nem para o talho, pois o touro é a fibrosa que será absolutamente impro-pria para a alimentação!... E este cronista, quantas vezes a fera comido sem dar por isso, se algum dia esteve em terra onde se desse corrida de touros, o que não é crível, dada a generancia que patenteia.

Al fuego, la idea! Al fuego, el cronista gallez — ditemos nos...



— É de maça ou de pecego este doce?
— Não conhece pelo gosto?
— Não.
— Então que lhe importa que seja duma coisa ou doutra?!

O "Placard"

É sempre a mesma história,
Sempre o gajo de mal-fa,
O placard que o Anatól
Põe na esquadra de polícia
Do bairro Nacional.

A pedido dum soldo,
Que de praça a distrito,
Manda que a guarda civil
Sepa um pouco mais genti!
Pra com as mulheres da fúria.

Quando a guarda civiliza,
A força a gentilha munda,
Quando, em mangas de camisa,
Não posso respirar a brisa,
Nem no lago da Rotunda;

Quando, em ruas escuras,
Deixam andar quasi nuas
As elegantes meninas,
E não deixam que as meninas
Andem descalças pelas ruas;

Quando os pobres carroceiros,
Por muito que os homens gritem,
Têm que gutar os sendeiros
Com seus fatos domingueiros,
Porque outros não illos permitem;

Quando, em poço permanente,
Lá o Bessa tem repulho,
E obrigam a andar a gente,
Não só com fato decente,
Mas com espartos de luxo;

Ha certa contradição
Nessa exposita conduta,
Nessa injusta distincção
Do que gosa, por excepção,
A mulher que vende a fructa

Outro dia, uma garota
Trazia a cabeça nu gajo,
E apregosava, a marota,
Figo de capa ao rôta,
Como não vi outro gajo.

Pois na janota Lisboa,
Onde o luxo é requintado,
Inda a Polista perdêa
A garota que apregôa
Um figo tão "starrapado" L.

Uma historia de caça

Não soudo bem caçador,
Não sou dos mais infelizes,
E outro dia fui propar,
Ah, a certo senhor,
Pra irmos caçar perdizes.

Anhamos o dia inteiro
Por vales e alcurnas,
Sem que o nosso perdigueiro
Tivesse o minimo cheiro
Da mais pequena perdiz.

Dava o duabo o castro
Daquelo calor atroz,
Quando, ao sair dum abrig,
Salta uma lebre, veloz,
Mesmo aos pés do meu amigo.

Ele no bicho repara,
Mas, com grande espanto a u,
Nem pôs a espingarda a cara,
Nem sobre a lebre dispara,
Pois nem sequer se mechem.

Co'a calma mais indiferente,
Deixa que o bicho se afaste;
E eu, um pouco rudemente,
Preguntei, naturalmente,
— «Porque é que não lhe atiraste?»

Diz-me a besta do amigo:
— «Não entendo o que me dizes
Nem porque ralhas comigo!
O que eu combinel com'igo
Foi vir á caça ás perdizes!...»

João Fernandes.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 118

O espiritismo pitoresco

Em Paris, na polifonia de Fontenay-sous-Bois, dentro duma sessão espiritista, em que a abertura foi feita por um espirito de illy, a filha de um pobre espirito de illy, a filha de um das primeiras conferências.

Retornamos com os illy's se presentes.

Um dia, um espirito de illy, a filha de um cliente que era espirito de illy, a filha de um das primeiras conferências do Alim. O illy, a filha de um das primeiras conferências do Alim. O illy, a filha de um das primeiras conferências do Alim. O illy, a filha de um das primeiras conferências do Alim.

O que lhe disseram os espiritos?
— Não me fizes des... Deixam!

— Deve mudo, papa?!

— Não! Mas venho impressionado!
A menina Carlota, assim se chamava a filha do novo espirito, mostrou desapego em acompanhar o papa numa dessas sessões.

Na noite seguinte, o novo espirito, como bom espirito, levou a esposa e a filha a uma das sessões. De outros tempos, os espiritos des... a filha de um das primeiras conferências do Alim.

Em meados de illy, a menina Carlota, filha de um das primeiras conferências do Alim, começou a falar com os espiritos chamados correspondentes, os que lhe fizeram uma revelação tremenda, que era nem mais nem menos do que por todo o mês de Agosto rebentaria uma sangrenta revolução em França, sendo cortadas todas as comunicações terrestres e terrestres. Os espiritos, segundo dizia a menina Carlota, aconselhavam todas as famílias a muniarem-se de viveres e bebidas em grande abundancia, porque de contrario morreriam de fome.

Como é de calcular, esta tremenda revelação produziu verdadeiro pânico.

Os espiritos de Fontenay-sous-Bois, a filha de um das primeiras conferências do Alim.

Como é de calcular, esta tremenda revelação produziu verdadeiro pânico.

Os espiritos de Fontenay-sous-Bois, a filha de um das primeiras conferências do Alim.

Como é de calcular, esta tremenda revelação produziu verdadeiro pânico.

Os espiritos de Fontenay-sous-Bois, a filha de um das primeiras conferências do Alim.

Como é de calcular, esta tremenda revelação produziu verdadeiro pânico.

Os espiritos de Fontenay-sous-Bois, a filha de um das primeiras conferências do Alim.

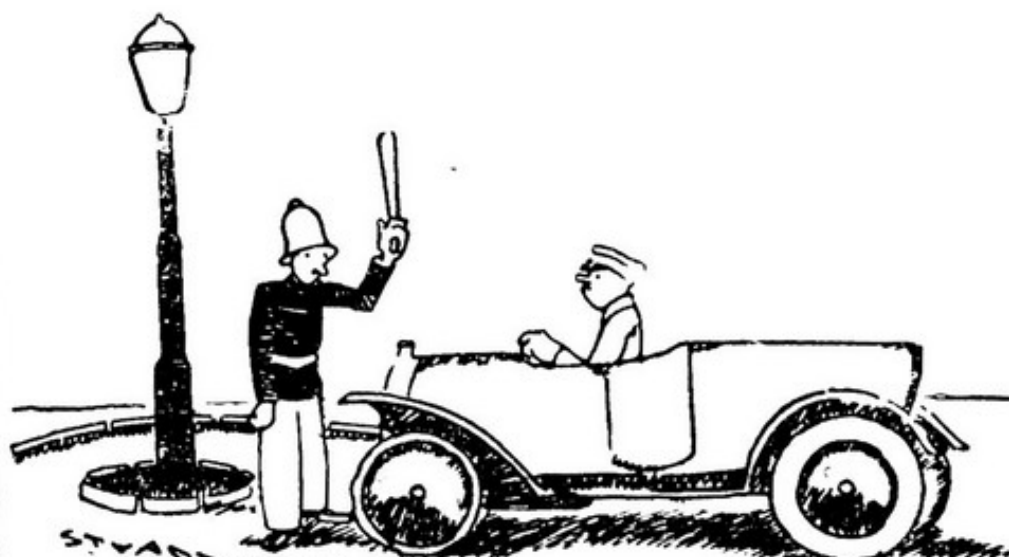
Como é de calcular, esta tremenda revelação produziu verdadeiro pânico.

Os espiritos de Fontenay-sous-Bois, a filha de um das primeiras conferências do Alim.

Como é de calcular, esta tremenda revelação produziu verdadeiro pânico.

Os espiritos de Fontenay-sous-Bois, a filha de um das primeiras conferências do Alim.

Como é de calcular, esta tremenda revelação produziu verdadeiro pânico.



— Não sabe que é proibido andar descalço?
— Mas eu vou calçado!
— Pois sim, mas o automovel?...

"A Peninha" "Restaurant"

O seu proprietário previne os seus Ex.ºs amigos e clientes que reabriu este acreditado "restaurant", na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este "restaurant" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os tambem aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario, que espera e agradece uma visita á nova

"PENINHA"

9, Rua Pascoal de Melo, 9-A (a Almirante Reis)
(Junto á fabrica do cerveja Portuqalia) — TELEFONE N. 5592

O falso Cañero

A vida boémia sempre foi uma mania de anedotas, que os velhos, com a memória de que só eles, nos seus tempos de rapazes, tiveram espirito, costumam contar em meias de canchana e anedota.

Mas, afinal, o espirito a graça é de todos os tempos. Se os velhos costumam contar as histórias que deram brado, os novos não illos ficam atrás.

Ha anedotas contemporaneas capazes de fazer morrer de inveja os velhos que, a noite, depois de jantar, se juntam em certas tabacarias e boites, a recordar a boa epoca em que seus estomagos supstavam sem trepidar as de luziza e de carne de porco.

J. M., por exemplo, rapaz que ainda não deve ter alcançado os trinta, possui ja uma collecção de prozas dignas de menção. Elle não gosta de vinho, com agua. Adora em toda a sua pureza e em todo o seu poder embotagador. Magro, franzino, não sabemos onde ele note tanto almidão, que deora com delicia. Sa-de que ha dias em que não se embriaga. Mas normalmente, a despeito das medidas tomadas pelo sr. comandante da policia, anda bobado. Uma madrugada, após uma noite inteira de filações, adormeceu, nem de sabe como, em frente da estatua de D. Pedro IV, no Bessa, a passava á capta. Sentiu-se acordado. O caso deu nas vistas e um guarda aproximouse. Vendendo o olhar, interrompeu-lhe a fúria e levou-o para o posto do teatro Nacional.

— Como se chama? — perguntou-lhe o cabo de serviço.

Apastando a cabeça e tomando um aspecto grave, J. M. respondeu sem uma hesitação.

— Don Antonio Camero.

Os guardas olharam-no de má ca-fadura. O rapaz estava evidentemente a matar com a policia.

— Como se chama? — repetiu o cabo, franzindo o sobrolho.

— Ya le he dicho a Usted, Don Antonio Camero — respondeu J. M.

Os guardas perderam a paciencia. Um deles apicou-lhe um bofetão que o arremessou por terra.

Conforme ponde, o boémio ergueuse, sahindo o pé do fato e comentou serenamente:

— La vida mi vida de torca es la primera vez que he sido copido.

O cabo não o mandou em paz.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes!

ATUM EM AZEITE?!

Só TENORIO...

MARCA REGISTRADA



O que se diz e o que se não deve dizer

Os primeiros pontapés na borracha e na lógica

A *Taca Preparação* preparou bem o público para pagar — porque ocorreu em massa ao campo da Tapadinha. Quanto ao *association* exibido: foi tapadinha de todo.

Encontrando-se os quatro melhores da época passada, outra coisa não justificaria aqueles resultados de 6-1 e 6-2...

Os jogadores estão desorientados... e os críticos também.

Esreve um deles:

«O Benfica foi o primeiro a marcar por intermédio de Vitor Silva, numa jogada em que o mar-cador estava off-side. Este ponto foi noticiado»

Como se vê, isto é dum evidente falta de treino porque, de costume, os rapazes costumam encobrir um pouco melhor as suas simpatias.

Além dos desatios da Preparação, levou o segundo dos encontros para diminuir o *Palhaço* da Divisão do Honra. Foi, para o antigo *Império*, um desafio de Desconsolação.

Perdeu, como já perdera o primeiro. E entrou assim naquela região negra, abissal e temerosa, à porta da qual o sr. Pedro del Negro devia mandar afixar: *Lasciate omni speranza...* Segundo a honrosa descrição do poeta, não há, naquelas regiões, prazeres possíveis. Vamos pois ter, naturalmente, o prazer de assistir a emigração dos prazeres para outras bandas.

O publicista francês Paul Olivier da nos, sob uma forma curiosa, uma definição da profissão do *boxeur*:

«A resistencia dum pugilista, minha senhora, é muitas vezes uma coisa que admira, e certos golpes que parecem irresistíveis e formidáveis não produzem mais do que um efeito relativo.»

O homem que os recebe e que se espera normalmente ver cair poderia mostrar-vos, com um sorriso que o mal não é grande e dizer-vos:

«E' apenas um noutro, minha senhora...!»

Mas... Isto não dura sempre. E, no *box* como na vida, nada é eterno. Um dia vem em que os golpes que outrora faziam sorrir, abalam dolorosamente... O fim não está longe.

E, bruscamente, entre dois *combates*, um sóco que, contudo, não parecia dever ser mais terrível do que os outros, chega... e acabou... as vezes para sempre.

Então se verifica que assim como um só murro pode fazer de um *boxeur* um grande homem;

um só murro pode também trazer uma catástrofe.

E o fim dum carreira... é apenas isto...

«E' apenas um murro, minha senhora...!»

O jornal alemão *Der Mittag* fornece preciosos esclarecimentos sobre o amadorismo, tal como ele é compreendido na America.

Durante uma reunião de atletismo realizada em Vancouver e em que Williams bateu Tolan nas 100 jar-

das, eis o que receberam os corredores americanos, além das despesas de viagem:

Wykoff, 800 dollars (uns 16 contos...); Bracey, 445 dollars; Tolan, 306 dollars (este recebeu menos porque o preto)

Não se sabe ao certo o que recebeu Williams. Mas seu pai foi gratificado (1) com uma soma de 1.500 dollars, para despesas de estudo do seu filho...

Donde se conclue que, no Canada e nos Estados Unidos, o atletismo é muito mais alimenticio, reconfortante e saboroso do que a Ovomaltine...

Rebola-A-Bola.

As leis do foot-ball, em verso

LEI SEGUNDA

O tempo que o jogo dura

Noventa são os minutos
Que os jogos devem durar;
A não ser que antes do jogo,
Ou por haver um azar,
Toda a gente concordar
Que sejam menos minutos
Que o jogo deve durar.

Logo de principio

Lindas moedas que saltam
Pra ver que *trata* tem sorte,
Se, estando o vento a sul,
Ficar virado pra o norte.

A bola vai para o centro
Duma roda muito grande,
E começa a levar trólla
Assim que o árbitro mande.

É necessaria também
Que bem ass-tite isto fique;
Que as faltas a esta lei
Não meream um *freekick*.

LEI TERCEIRA

À fim de três quartos de hora,
Muda tudo minha gente,
E ao fim de cinco minutos
Recomeça novamente
O joguinho interrompido.

Começa o mesmo fadario,
Com a diferença de ser
Precisamente ao contrario.

(Fim da lei terceira)

Mario de Noronha

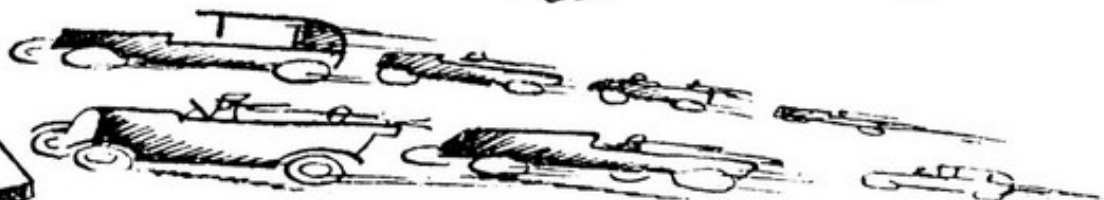


• Gentleman, internacional, olimpico, nautico, esgrimista, condecorado, «yachtman», dirigente, simpatico, bancario, etc.

Zé Maria.

ECOS DA SEMANA

O RALLYE DE VILA DO CONDE ERA DE TAL MANEIRA, ATRACTIVO QUE NEM OS POBRES "MACCHIS" PODERAM IR DANÇAR O "MACCHIXE" AO RALLYE INTERNACIONAL. OS AVIADORES FICARAM MUITO ARRALLYADOS.



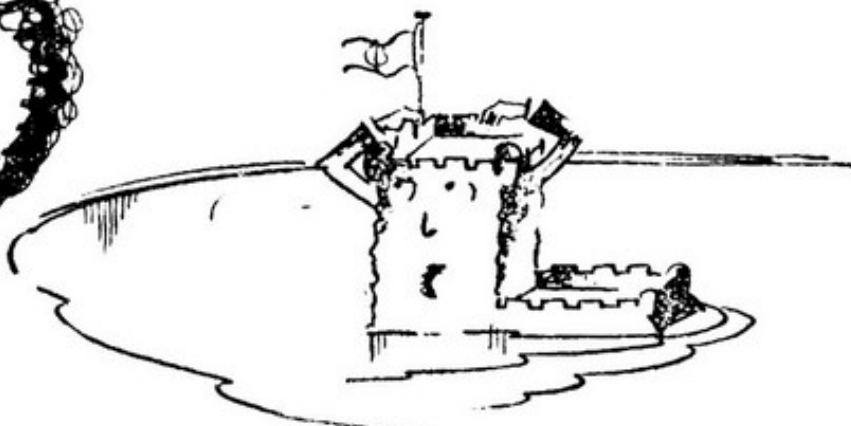
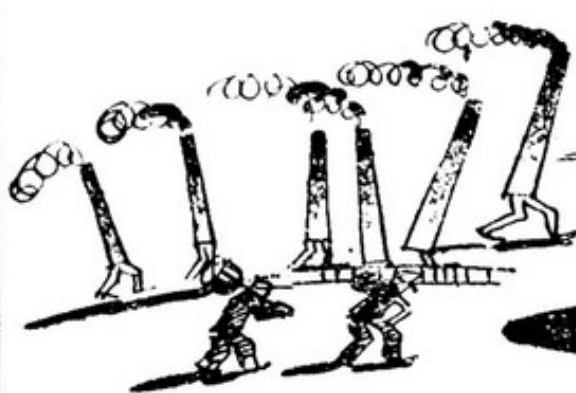
DECORRERAM CHEIOS DE IMPREVISTO OS ESTOIOS DO INOCENCIO. JA É PRECISO SER INOCENCIO PARA AINDA ENTRAR NESTAS ALHADAS.



VAI MUITO ANIMADA A EPOCA CAÇATORIA. EM GERAL OS CAÇADORES TEEM SIDO MUITO MAIS CAÇADOS DO QUE A CAÇA.



DIZEM QUE ATORRE AO VER CHEGAR OS GAZOMETROS SE PÔS A NAVEGAR SEM NUNCA PARAR. PARECE QUE VAI PARA O BUGIO. JA QUE NÃO PÔDE MANDAR BUGIAR OS GAZOMETROS



AFINAL A PARCERIA SE LÉVA CARO E PARA FAZER A SELECÇÃO DOS PASSAGEIROS. PARECERIA (OU NÃO PARCERIA) FEIO QUE A 2ª CIDADE DO PAIS CONTINUASSE COMO ESTANCIA DE 5ª ORDEM. AGORA POIS SE ATÉ OS BURROS JA TEEM TAXOMETRO.

AQUI É CACILHAS
ICI EST CACILHAS
THIS IS CACILHAS

